XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Paula Boscariol dos Santos[1] –
UEL – aboscariol@bol.com.br;

Cristina Nogueira de Mendonça[2] –
UEL - cmendonca@uel.br.

Eixo 1: Educação e Infância.

Resumo
A presente pesquisa intitulada processo de adaptação da criança na Educação infantil, tem por objetivo refletir sobre o processo de inserimento, de adaptação da criança na Educação Infantil. Quanto à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, alicerçada nos fundamentos dos seguintes autores Pasqualini e Martins (2008), Bove (2002), Bondioli e Mantovani (1998), dentre outros. Para este trabalho, foram abordados os conceitos e reflexões sobre o binômio"cuidar-educar", as concepções inserimento, adaptação e acolhimento, sua inter-relação, assim como a importância do planejamento da instituição educacional nesse processo de adaptação da criança na Educação Infantil. Conclui-se que o processo de adaptação da criança no ambiente escolar da infância deve possibilitar à criança confiança e acolhimento nesse novo ambiente que frequentará, sendo este um processo que abrange desde as visitas preliminares da família à sua dimensão do cotidiano escolar, recebendo e respeitando sua singularidade e rotinas apresentando-se como um ambiente seguro, confiável e que proporcione aprendizado significativo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Adaptacão; Inserimento.

Introdução

A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, deve assumir as suas finalidades, dentre elas, de ampliar o universo de experiências e conhecimentos, diversificando e consolidando novas aprendizagens, acolhendo as vivências e conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade (BRASIL, 2018).

Justifica-se o interesse por essa temática a partir de minhas

---

[1] Graduada em Educação Física e Pedagogia. Professora da rede municipal de Londrina.

[2] Doutora em Educação. Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

experiências na Educação Infantil, em específico com crianças de 0 a 3 anos de idade, ao observar as dificuldades que as crianças, famílias e instituição educacional possuem ao ingressar no novo ambiente educacional, ou até mesmo com a mudança de turma no início do ano. Desta forma, intenciona-se com este estudo contribuir para o desenvolvimento de procedimentos para o planejamento da adaptação e acolhimento na Educação Infantil, através do envolvimento e participação da instituição educacional, família e criança.

Diante disso, o problema desta pesquisa foi: Como organizar o processo de inserimento, de adaptação da criança no ambiente escolar afim de que seja menos doloroso e mais acolhedor?

Como objetivo principal, este trabalho pretende refletir sobre o processo de inserimento, de adaptação da criança na Educação Infantil. Para este propósito, a metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. De acordo com Costa e Costa (2011, p. 36), pesquisa bibliográfica “é aquela realizada em livros, revistas, jornais, etc.”, sendo básica para qualquer tipo de pesquisa.

Serão apresentados os conceitos cuidar e educar, desde sua visão assistencialista na Educação Infantil, até a superação do entendimento deste binômi, entendendo que o educar compreende os cuidados, assim como todas as particularidades da Educação Infantil, uma vez que são elementos complementares e não sobrepostos.

Serão expostos os conceitos dos termos adaptação, acolhimento e inserimento, em uma perspectiva de inter-relação, uma vez que para a adaptação, a acolhida torna-se imprescindível, não ocorrendo apenas ao ingresso da criança na instituição educacional, mas na dimensão do cotidiano escolar. Destaca-se a importância do envolvimento de forma dialógica entre família e escola no processo de adaptação e acolhimento, a fim de amenizar possíveis transtornos à criança. Serão apresentadas possibilidades para o planejamento do processo de adaptação e acolhimento na Educação Infantil, no qual a instituição educacional deve se preparar humanamente para esse processo, com um olhar cuidadoso e atento a família e a criança, transmitindo-lhes confiança, respeitando suas particularidades e rotinas, de maneira que sintam-se acolhidos, propiciando assim uma adaptação com mais

facilidade a este novo ambiente.

E por fim, a partir dos estudos realizados sobre o tema em questão, serão apresentadas as considerações finais, no qual almeja-se contribuir para os profissionais da educação infatil, no que tange a organização do processo de inserção, de adaptação e acolhimento da criança na Educação Infantil, refletindo sobre a importância deste planejamento.

Cuidar e educar na educação infantil

É imprescindível refletir sobre a dicotomia cuidar e educar, uma vez que o educar na dimensão de sua definição, deve ser cuidadosamente planejada no processo de adaptação e acolhimento. Para tanto, será abordado a seguir as definições das palavras cuidar e educar, desde sua visão assistencialista na Educação Infantil, até a superação do entendimento deste binômio.

A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança. A elaboração de propostas pedagógicas, envolve necessariamente concepções de criança, infância, assim como de cuidar e educar, como se apresenta a seguir a definição etimológica:

> De origem latina, a palavra cuidar é mais frequentemente associada ao verbo cogitare, embora também encontremos referência a sua origem na palavra, também latina, curare, derivada da primeira. O dicionário etimológico da língua portuguesa de Rodrigo Fontinha (s.d.) é um dos poucos pesquisados em que a palavra cuidar aparece como tendo sua origem tanto em cogitare quanto em curare. Na primeira, o sentido é de pensar, supor, imaginar; e, na segunda, tratar de, pôr o cuidado em (MONTENEGRO, 2005, p. 09).

Educar, conforme o Dicionário Etimológico (2008 – 2018) é uma palavra que “vem do latim educare, por sua vez ligado a educere, verbo composto do prefixo ex (fora) + ducere (conduzir, levar), e significa literalmente 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo”. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) apresenta a seguinte definição:

> Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

O que se observa é que, em suas próprias definições etimológicas, não é possível na Educação Infantil utilizá-las de formas isoladas, pois "cuidado e educação são dois elementos complementares e nunca um sobreposto ao outro" (ARALDI, 2007, p. 38). Sobre esse contexto que será abordado a seguir.

Historicamente, o termo cuidar está vinculado a uma visão assistencialista, voltado ao corpo. Até a década de 80, os documentos oficiais, como consequência os documentos acadêmicos, as atividades assistenciais realizadas pelas creches recebiam o nome de "guarda", sendo após substituída por "cuidar" e "cuidado" (TIRIBA, 2005, p.2).

As creches priorizaram fornecer alimentação e higiene, com um caráter assistencial-custodial, enquanto que as pré-escolas visavam o desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças, apresentando caráter educacional. Corrêa (2003, p. 105) nos diz:

> Interessante notar que se por um lado, como já demonstraram diversos autores, o trabalho nas creches tem-se caracterizado ao longo da história por um "cuidar" entendido apenas como o atendimento a necessidades de saúde, alimentação e segurança e se voltado para a população de mais baixa renda (assistencialismo), por outro lado, o trabalho nas pré-escolas também tem enfrentado problemas em razão desse mesmo viés acerca do que seja educar e cuidar.

Costuma-se afirmar que a creche está voltada ao cuidar, e as pré-escolas, ao preocupar-se prioritariamente com a educação, acabavam por negligenciar as dimensões dos cuidados (PASQUALINI; MARTINS, 2008).

Já nos anos 90, às creches e pré-escolas, no qual seriam incorporadas aos sistemas de ensino como primeira etapa da educação básica, se fez necessário integrar as atividades de cuidado, sendo a solução conceitual

o binômio cuidar e educar (TIRIBA, 2005), como corrobora Corrêa (2003, p. 103):

> No Brasil, como em outros países, a discussão do cuidado como uma dimensão imprescindível do trabalho educativo com crianças pequenas surge relativamente há pouco tempo, no bojo das discussões sobre a própria história das especificidades e peculiaridades das diferentes modalidades de atendimento à criança, a saber, as creches e pré-escolas.

De acordo com Corrêa (2003), a partir da década de 90, a psicóloga americana Betty Cadwel influenciou as formulações e reflexões no âmbito das pesquisas e discussões teóricas à dimensão do cuidado, como algo relevante para e Educação Infantil, que "cunhou o termo educare como expressão daquilo que entende ser o "ideal" no atendimento a crianças pequenas, ou seja, uma perfeita integração entre educação e cuidado" (CORRÊA, 2003, p. 103), iniciando então, reflexões sobre a dicotomia do binômio cuidar e educar.

Campos (1994, p. 35), na intenção de superar o entendimento de cuidar na visão assistencialista, sugere a ideia de cuidado mais abrangente, de forma que incluía o termo "educar", algo que entenda:

> Todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, enfim, 'cuidar', todas fazendo parte integrante do que chamamos de 'educar'.

Assim sendo, tal perspectiva contribuiria para superar a ideia de assistencialismo para uma determinada classe social, e enquanto que para outro segmento caberia o trabalho pedagógico, este ignorando o cuidar. Ainda, para Campos (1994, p. 35):

> [...] esta concepção torna mais fácil a superação da dicotomia entre o que se costuma chamar de "assistência" e educação. Com efeito, não só todos esses aspectos são recuperados e reintegrados aos objetivos educacionais, como também deixam de ser considerados exclusivamente necessários à parcela mais pobre da população infantil, e de ser contemplados somente para as crianças menores de 2 ou 3 anos de idade. Todas as crianças possuem estas necessidades e, se todas

> têm o direito à educação, qualquer instituição que as atenda deve levá-las em conta ao definir seus objetivos e seu currículo.

Cerisara (2004, p. 8) apresenta consideráveis questões acerca do binômio educar e cuidar:

> [...] dizer que o objetivo da Educação Infantil é educar e cuidar de forma indissociável tem referenciado que tipo de práticas junto às crianças pequenas? É possível dizer que esse objetivo fez avançar a compreensão do caráter educativo dessas instituições? A que preço? O que significa cuidar? Até onde vai a educação e o cuidado? Onde começa um e outro? Será que educar já não contempla o cuidar? Se o cuidado faz parte da vida humana e é constitutivo de todas as relações entre seres humanos, será que é necessário utilizá-lo na Educação Infantil? Que benefícios e que prejuízos a expressão "educar e cuidar de forma indissociável" tem trazido para o trabalho com crianças?

A partir do exposto, depreende-se que o educar (na superação do binômio cuidar e educar) está presente em toda dimensão do caráter pedagógico da Educação Infantil, integrando-se também no planejamento do processo de adaptação e acolhimento. Dessarte, no capítulo seguinte será conceituado os termos adaptação e acolhimento em uma perspectiva de inter-relação e o planejamento deste processo na Educação Infantil.

Processo de inserimento, adaptação e acolhimento da criança na educação infantil: considerações teóricas e possibilidades de intervenções

A Educação Infantil é para a criança uma ampliação do ambiente social, que até então estava restrito à sua família. Por meio deste novo ambiente a criança iniciará o convívio com outras crianças de sua mesma faixa etária, no qual terá momentos de partilha de objetos e espaço físico, compartilhará atividades e brincadeiras, além de ser orientada por adultos até então desconhecidos, obedecendo regras pré-estabelecidas, diferentes das que possui conhecimento (GONÇALVES; DAMKE, 2007).

Quando a criança ingressa no ambiente escolar, independente de sua idade, passará por sensações de estranhamento ao novo espaço,

pessoas, além da frustação do afastamento de familiares e de seu lar. Seu ingresso a Educação Infantil, devido a situação nova a ser vivida, desencadeará o processo de adaptação.

Diante do que será apresentado a seguir, se faz necessário definir a palavra adaptar, como sendo:

> **Adaptar** (*lat adaptare*) *vtd* **1** Pôr em harmonia; tornar adequado: *Adaptou o quarto para receber visitas. vtd* **2** Fazer acomodar à visão: *Adaptar os óculos. vtd* e *vti* **3** Tornar apto: *Adaptar o aprendiz de ofício. Vtd* e *vpr* **4** Ajustar (uma coisa a outra): *Adaptar o sapato aos pés. vpr* **5** Aclimar-se; acostumar-se: *Adaptar-se ao meio. vtd* **6** Modificar obra, em geral escrita, para torna-la adequada a outros meios (televisão, teatro etc.): *Adaptou o romance para o teatro.* (MICHAELIS, 2008, p. 16)

Já a palavra acolher, encontra-se a seguinte definição:

> **Acolher** (*a*[1]+*colher*) *vtd* **1** Hospedar, receber (alguém). **2** Abrigar, dar acolhida a (alguém). (MICHAELIS, 2008, p. 12)

O processo de adaptação na Educação Infantil, por muito tempo foi compreendido como um período determinado pela instituição educacional, “tendo em vista à sujeição, o controle, a imposição de normas, a ausência do choro, a domesticação dos corpos, o sujeito adaptado: a criança” (REDA; UIJIIE, 2009, p. 10084). Ainda, de acordo com Borges e Souza (2002, p. 32), “imaginar que o sucesso de um processo de adaptação se resume a ter ausência de choro é banalizar uma situação que não termina em si mesma”. A adaptação não envolve um curto tempo, tão pouco uma visão simplista a doutrinação dos corpos. A adaptação é um processo gradativo, devendo ser encarada com um processo natural, de construção de vínculos entre escola, criança e família.

Davini (1999, p. 45) nos apresenta a concepção de adaptação no ambiente escolar sendo “um grande período, que abrange desde as entrevistas e visitas preliminares dos pais as escolas, bem como os primeiros dias, e o primeiro ano de escolarização da criança”. Este processo deve possibilitar a criança confiança nesse novo ambiente que frequentará.

O modelo italiano de pré-escola da Reggio Emilia, desenvolveu uma filosofia educativa, no qual, o primeiro ingresso da criança na instituição educacional se dá pelo inserimento, segundo Bove (2002, p. 135):

> [...] é o termo que, para nós [italianos], denomina a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças quando a criança está ingressando em uma creche ou em pré-escola pela primeira vez. O conceito italiano de inserimento designa o processo inicial de acolhida da criança à nova comunidade.

É a tentativa de "criar uma continuidade emotiva entre família e creche através da elaboração de um projeto daquele delicado momento de transição" (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p. 173). Ou seja, o inserimento é considerado o processo de acolhida da criança e da família, não se limitando a um determinado tempo, iniciando-se com a participação dos pais na instituição educacional, possibilitando que os professores estabeleçam vínculos, além de garantir um ambiente seguro para as crianças. Diante do exposto, o termo acolhimento e inserimento se aproximam, uma vez que ambos remetem ao processo, e não a um período, sendo uma forma dialógica entre família e escola.

Podemos destacar três possíveis situações de mudanças para a criança, sendo necessário um processo de adaptação: quando a criança ingressa pela primeira vez no ambiente escolar; quando ocorre mudança de turma, remanejamento de grupo/ crianças ou mudança de professores; e sua saída da creche ou pré-escola (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993). Para cada uma dessas situações, é necessário que os envolvidos nesse processo planejem o trabalho, de forma a evitar ou amenizar o sofrimento da criança, como até mesmo dos responsáveis e professores.

Ao referirmos a adaptação nas creches e pré-escolas, deve ser considerada as diferentes pessoas envolvidas nesse processo, em seus diferentes papéis sociais. E este processo de adaptação é vivido por eles em intensidades diferentes, porém todos esses esforços interferirão diretamente na adaptação da criança. O documento Subsídios para diretrizes curriculares nacionais específicas da Educação Básica (2009, p. 31), compreende a

adaptação um período de conhecimento e reconhecimento de sujeitos sócio-histórico-culturais:

> A adaptação deve ser encarada não apenas como um período no qual a criança deve se adaptar às novas rotinas, mas como um momento de conhecimento e reconhecimento de sujeitos sócio-histórico-culturais que se encontram num espaço institucional. A acolhida à criança e às famílias deve se pautar na escuta sensível a esses sujeitos com o objetivo de informar as instituições quanto a possíveis necessidades de reorganização de tempos, espaços e relações, no intuito de melhor atender às expectativas e necessidades dos sujeitos que acorrem à instituição.

A criança percebe este processo de formas diferentes. Algumas podem perceber a instituição educacional como um lugar divertido e seguro para ela, e como consequência, estabelecendo vínculos com seus pares e os professores. Como também, algumas crianças podem entender como um momento de separação da família, com sentimentos de angústia e sofrimento, se tornando um processo doloroso (ANDRADE, 2016). Segundo Reda e Ujiie (2009, p. 10092):

> [...] o tipo de adaptação adequado varia muito de criança para criança, segundo suas características afetivo-emocionais e bastante em relação à idade da criança de ingresso na instituição de educacional.

A acolhida se dá na atitude de aceitação e hospitalidade que temos perante o outro. No ambiente escolar isso se dá pelos professores e demais funcionários, mas também deve ser ensinado às crianças para que elas acolham umas as outras, transformando em um espaço com vínculos afetivos e de interações sociais. Reda e Ujiie (2009, p. 10085) nos diz:

A afetividade contribui para o processo de adaptação, e para isso, o professor deve aproximar e interagir com a criança, facilitando sua convivência, e como consequência, a criança vá se adaptando (ANDRADE, 2016). Porém, criar um clima de adaptação exige um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças, ação esta que contribuição para a formação de vínculos afetivos e de vivência, sendo as pequenas ações que

permitem a socialização, a comunhão uns com os outros, e por fim a efetivação do processo de adaptação (REDA; UJIIE, 2009). Reda e Ujiie (2009, p. 10087) diz:

> O processo de adaptação tem vida, ele se move de acordo com o sentimento e as percepções das pessoas nele envolvidas. O que toca o que encanta, o que prende a atenção da criança é a descoberta que fará o educador no contato com ela. Este contato é dinâmico, se dá através do olhar, do toque, do tom de voz, da brincadeira e da imaginação que aparece sempre vestida de faz-de-conta.

É necessário para a efetiva participação no processo de adaptação estar implicado nele, permitindo-se contagiar-se com a emoção que a interação com a criança proporciona.

A fim de amenizar a tensão da adaptação para a criança, é preciso respeitar a singularidade da criança, suas rotinas, e aos poucos ir realizando ajustes ao grupo, sem rupturas bruscas. Desta forma, reitera a importância da acolhida, permitindo assim melhor adaptação da criança no ambiente escolar.

Observar a reação da criança e lhe dar atenção neste momento é fundamental, pois esses primeiros momentos possibilitarão criar vínculos com a escola, proporcionando-lhe segurança e tranquilidade. Segundo Gonçalves e Damke (2007, p. 3374):

> Os primeiros dias, geralmente, são os mais complicados, e os mais importantes. O “desgarrar-se” da família que sempre os protegeu e permanecer “abandonado”, “sozinho”, em um ambiente completamente diferente, às vezes, representa um grande abismo na cabeça dos pequenos. Ao mesmo tempo, estes primeiros momentos, permitem a criança criar vínculos afetivos com uma outra pessoa, que lhe seja próxima, proporcionando-lhe segurança e tranqüilidade para a incorporação no novo ambiente.

No entanto, o acolhimento deve ser constante, na dimensão do cotidiano escolar, ele ocorre todo o dia na entrada, após um período de ausência, o quando ocorre um imprevisto e acontece de a criança sair mais

tarde quando as outras crianças já foram embora, “acolhimento por que é bom ser bem recebida e sentir-se importante para alguém” (ORTIZ, 2000, p.4).

Desta forma, o acolhimento não se dá apenas nos primeiros dias de aula, mas no dia a dia da Educação Infantil. Acolher é proporcionar à criança o sentir-se bem, segura, cuidada e protegida em todas situações vividas na escola. O acolhimento, conforme Ortiz (2000), deve ocorrer sempre que o adulto julgar conveniente, a criança deve ser bem recebida, de forma que se sinta importante para alguém. Assim, como para o adulto há sensação de prazer ao ser bem recebido em um determinado lugar, o mesmo ocorre com as crianças e até mesmo com as famílias ao serem acolhidas à creche ou à pré-escola. O olhar da Educação Infantil para a adaptação e acolhida deve superar o período do início do ano, e planejar a adaptação e acolhimento em sua dimensão cotidiana.

É fundamental que nesse período de adaptação os pais e responsáveis estejam seguros e transmitam essa segurança para seu filho. A escola deve buscar uma relação de parceria, apresentando disponíveis e presentes, juntos fortalecendo vínculo professor e criança. Ainda, o apoio pedagógico e psicológico escolar devem acompanhar estes pais e responsáveis, que possivelmente sentem-se inseguros em relação as necessidades de seus filhos.

Para tal, em uma perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, é necessário que o adulto mais experiente (que na escola é representado pelo professor) compreenda:

> como a criança aprende, como se desenvolve e forma suas capacidades psíquicas, ou seja, como forma o pensamento, a fala, a memória voluntária, como aprende a controlar sua vontade, como forma capacidades, habilidades e aptidões, como forma seus sentimentos, sua moral, sua ética, enfim, como constitui sua inteligência e como forma sua personalidade (MELLO, 2015, p. 2).

O professor é o mediador da relação do mundo que a criança passa a conhecer. Quanto mais souber sobre o desenvolvimento infantil, assim como suas formas adequadas de realizá-lo, melhor será o trabalho educativo.

Este deve observar as crianças em atividade, ouvir suas curiosidades, assim como seus interesses de conhecimento (MELLO, 2015, p. 10).

> Para isso, observa, acompanha, interpreta as necessidades das crianças e oferece níveis diferentes de ajuda sempre que a criança solicita; interfere na atividade para ampliar as possibilidades de vivência e aprendizagem; organiza intencionalmente o espaço para provocar a curiosidade e a atividade infantil; procura as condições adequadas para que a criança esteja sempre em atividade.

Assim, é possível promover a qualidade na educação infantil, de modo a "produzir com as crianças o bem máximo que podemos almejar para elas e para a sociedade: o desenvolvimento máximo de sua inteligência e de sua personalidade" (MELLO, 2015, p. 10). Para o professor obter sucesso na adaptação e na acolhida da criança e da família, é necessário experiência e conhecimento, sendo imprescindível o planejamento deste processo, como será abordado a seguir.

Procedimentos de Intervenção para o Processo de Adaptação e Acolhimento na Educação Infantil

A instituição de educação amplia sua responsabilidade ao considerar a adaptação sob o aspecto de acolher, aconchegar, procurar oferecer bem-estar, conforto físico e emocional, amparar. A qualidade do acolhimento deve garantir a qualidade da adaptação, pois há uma inter-relação entre os movimentos da criança e da instituição, trata-se por tanto de uma decisão institucional (ORTIZ, 2000). Logo, a concepção de educação que a instituição possui, refletirá em como será realizado seu planejamento do processo de adaptação e acolhimento. E sobre a importância deste planejamento que será tratado a seguir.

Cabe a instituição de ensino planejar esse período de adaptação, seguindo suas concepções de educação e criança que possui, considerando sua realidade e diferenças sociais, apresentando-se como um ambiente seguro e confiável, que proporcione aprendizado significativo.

Ladwing, Goi e Souza (2013, p. 9) afirma que o planejamento é algo necessário e deve-se “traçar um roteiro de como acontecerá a chegada dos alunos nos primeiros dias, pensar em tempos, espaços, materiais e atribuições de cada profissional da escola são aspectos fundamentais para garantir a qualidade da adaptação”. Sugere ainda que uma reunião com os pais e responsáveis seja realizada, a fim de que explique sobre o funcionamento da escola, a rotina da instituição, os espaços, além de esclarecer possíveis dúvidas.

A Educação Infantil deve cuidar do processo de adaptação desde o primeiro momento em que a família estabelece seu primeiro contato. Sendo assim, a entrevista de matrícula pode ser entendida mais do que um mero cumprimento burocrático (VITÓRIA E ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

As instituições de Educação Infantil devem estar abertas a todos os tipos de famílias, buscando estratégias para que se sintam acolhidas nesse processo de adaptação. É preciso que se tenha profissionais disponíveis para ouvir as angústias e sugestões das famílias, orientando em suas dificuldades, lhe dando suporte para que compreendam o desenvolvimento da criança, dentre outros (SEABRA; SOUZA, 2010).

Seabra e Sousa (2010) sugere que o ideal é receber um número pequeno de crianças novas na turma ao mesmo tempo, de preferência uma criança por vez, de maneira a facilitar para que o professor consiga dar a atenção necessária. Assim, quando há um certo número de crianças para ingressar, é imprescindível uma reunião com os responsáveis, na intenção de que se conheçam e discutam conjuntamente suas preocupações frente à nova situação (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

O tempo de permanência da criança deve aumentar gradativamente, conforme a resposta da criança ao processo. Mais uma vez, destaca-se a importância da presença e participação da família nesse processo de adaptação, no qual este responsável deve permanecer com a criança no ambiente escolar, lhe apresentando o novo ambiente, os professores e tudo o que está relacionado a esta instituição, e assim, gradativamente o responsável vai saindo de cena permitindo que o professor tome a frente com a criança. A seguir, Rossetti-Ferreira et al. (2006, p. 49) afirma:

> Nesse período, a presença de um dos pais ou familiares é importante para a criança, pois lhe transmite segurança e lhe dá apoio para explorar e conhecer o novo ambiente. Durante a adaptação, a educadora vai auxiliando a criança a familiarizar-se com os novos horários de sono, alimentação e banho, buscando um equilíbrio dos seus hábitos e costumes, aproximando-os gradualmente até acomodá-los à rotina de creche. Esse processo será facilitado se a criança puder sentir tranquilidade e segurança na decisão dos pais de colocá-la na creche e na relação deles com sua educadora. Algumas famílias acreditam que é preferível sair escondido quando deixam a criança na creche, a fim de evitar seu choro. Em nossa opinião, é preferível que a criança veja e saiba que estão saindo, que expresse sua tristeza ou raiva e que seja consolada. Com o tempo, ela perceberá que voltam todos os dias para buscá-la.

O processo de adaptação não deve possuir regras rígidas, e sim deve-se respeitar o ritmo e particularidades de cada criança. “O número de horas da criança na instituição e da presença do responsável deverá ser analisado caso a caso” (SEABRA; SOUSA, 2010, p. 211).

O ambiente na Educação Infantil é um aspecto relevante para o processo de adaptação da criança. Segundo Forneiro (1998, p. 232-233), o termo “ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto)”, sendo assim, o ambiente não se constitui apenas dos objetos, mas também das pessoas e das relações entre elas.

Através da parceria de escola e família, com o tempo a criança compreende que existe uma continuidade entre o que ela vive no contexto educacional e familiar. Como afirma Tiba (1996, p. 140):

> O ambiente escolar deve ser de uma instituição que complemente o ambiente familiar do educando, os quais devem ser agradáveis e geradores de afetos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno.

As instituições infantis devem ser pensadas como um ambiente de socialização e aprimoramento familiar, não como substitutas da família, mas um ambiente que se sinta segura, cuidada e educada (ARALDI, 2007).

Muitas vezes a instituição educacional se preocupa com aspectos físicos (como cartazes, calendários, painel de chamada, dentre outros), sendo que o mais importante é se preparar humanamente para a acolhida (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2014). Porém, criar um clima para a aproximação do adulto para com a criança não é simples, é preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças, e essa ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência (REDA; UJIIE, 2009).

Pietrobon (2010, p. 72) diz que o processo de adaptação "é um momento de aprender a integração com o outro, com o novo, de participar com outras crianças e adultos". Desta forma, o professor também deve se adaptar, se permitindo novas experiências. Segundo Nogueira e Oliveira (2014, p. 410-411):

> O educador precisa estar consciente de que deve estabelecer regras de modo pedagógico, bem como estratégias e ambientes interativos, que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno e possa ter uma relação sólida e confiante com ele. Enfatizamos a importância de envolver as crianças por meio das diferentes linguagens de modo interativo no espaço e no tempo de maneira ordenada e planejada. Uma das formas de interagir com os pequenos é a contação de estórias, uma forma divertida, lúdica e prazerosa de se aprender, que trabalha a imaginação, a criatividade e a espontaneidade da criança e sua atenção, memorização e compreensão de mundo e de leitura deste, sendo capaz dizer a sua palavra, como afirmava Paulo Freire, na sua pedagogia.

Desta forma, na intenção de diminuir a tensão da criança nesse processo de adaptação e acolhimento é importante permitir e respeitar que a criança mantenha seu jeito de ser, suas particularidades e rotinas, e aos poucos possa se ajustar ao grupo. Este planejamento suavizará sua adaptação sem rupturas bruscas, consequentemente maior controle do adulto sobre o processo. Sendo assim, é imprescindível que a criança seja bem acolhida, uma vez que terá mais chance de adaptar-se melhor e facilmente.

Conclusões

O presente estudo teve o objetivo de apresentar possibilidades de desenvolvimento de procedimentos para o planejamento do processo de adaptação e acolhimento nas instituições de Educação Infantil

Definiu as palavras cuidar e educar, desde sua visão assistencialista na Educação Infantil, até a superação do entendimento deste binômio, entendendo que o educar compreende os cuidados, assim como todas as particularidades da Educação Infantil, uma vez que são elementos complementares e não sobrepostos.

Expos os conceitos das palavras adaptar e acolher, assim como o termo inserimento utilizado na pré-escola da Reggio Emilia. Em uma perspectiva de inter-relação, a adaptação e a acolhida torna-se imprescindível, não ocorrendo apenas ao ingresso da criança na instituição educacional, mas na dimensão do cotidiano escolar. O professor como mediador da relação do mundo que a criança passa a conhecer deve observar as crianças em atividade, ouvir suas curiosidades, assim como seus interesses de conhecimento. Deve ser consciente de que deve estabelecer regras de modo pedagógico, assim como estratégias e ambientes interativos, a fim de favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, além de buscar estabelecer uma relação sólida e confiante com ele.

Ressaltou a importância da parceria de escola e família, de maneira que com o tempo, a criança compreenda que existe uma continuidade entre o que ela vive no contexto educacional e familiar, sendo imprescindível a presença de seus responsáveis, transmitindo-lhe segurança e lhe dando apoio para explorar e conhecer o novo ambiente gradativamente.

Destacou ainda que o processo de adaptação e acolhimento, quando planejado, possibilita à criança confiança nesse novo ambiente que frequentará, recebendo e respeitando sua singularidade, rotinas, considerando sua realidade e diferenças sociais, apresentando-se como um ambiente seguro e confiável, que proporcione aprendizado significativo. O ambiente escolar deve complementar o ambiente familiar no sentido de que deve ser agradável e

geradores de afetos.

Nesse sentido, o planejamento deste processo na Educação Infantil é essencial para suavizar sua adaptação sem rupturas bruscas, sendo imprescindível que seja bem acolhida, pois desta forma terá mais chance de adaptar-se melhor.

Referências

ANDRADE, M. I. F**. O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil.** Rio Grande do Norte, 2016. Dissertação (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2569/6/OProcessoDeAdaptaçãoEAcolhimento_Artigo_2016.pdf>. Acesso em: 01 maio 2018.

ARALDI, M. **Prática pedagógica no cotidiano de uma instituição de educação infantil para crianças de 0 a 3 anos:** proposta de intervenção visando o brincar, cuidar e educar. Paraná, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: < http://cev.org.br/biblioteca/pratica-pedagogica-cotidiano-uma-instituicao-educacao-infantil-para-criancas-0-3-anos-proposta-intercencao-visando-o-brincar-cuidar-educar/> . Acesso em: 30 abr 2018.

BORGES, M. F. S. T; SOUZA, R. C. (Org.) **A práxis na formação de educadores de Educação Infantil.** Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

BOVE, C. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. **Bambini:** A abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 134-149.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017>. Acesso em: 05 fev 2018.

____. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (1990). 6 ed. Brasília: Camara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008, p.13.

____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Subsídios para diretrizes curriculares nacionais específicas da educação básica.** Brasília: MEC/SEB, 2009.

____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. V.: 1.

CAMPOS, M. M. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Por uma política de formação do profissional em educação infantil.** Brasília, MEC/ SEF/Coedi, p. 32-42. 1994.

CERISARA, A. B. Por uma Pedagogia da Educação Infantil: desafios e perspectivas para as professoras. **Caderno Temático de Formação II** - Educação Infantil: Construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. São Paulo, SME DOT/ ATP/ DOT. 2004.

CORRÊA, B.C. Considerações sobre qualidade na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 119, p. 85-112, jul. 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n119/n119a05.pdf>. Acesso em: 03 maio 2018.

COSTA, M. A. F; COSTA, M. F. B. **Projeto e Pesquisa:** entenda e faça – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DAVINI, J; FREIRE, M. **Adaptação:** pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

DICIONÁRIO etimológico: etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>. Acesso em: 29 maio 2018.

FORNEIRO, L. I. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

GONÇALVES, J. P. & DAMKE, A. S. O processo de adaptação: os primeiros dias da criança no ambiente escolar. **Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.** 2007. PUCPR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420>. Acesso em: 20 maio 2018.

LADWING, V. K; GOI, R. E. P; SOUZA, J. L. G. Adaptação e acolhimento na Educação Infantil. **XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul.** 2013. Disponível em: < http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013 /EDUCACAO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/ADAPTACAO%20E%20ACOLHIMENTO%20NA%20E DUCACAO%20INFANTIL.PDF>. Acesso em: 17 maio 2018.

MANTOVANI, S; TERZI, N. A Inserção. In: BONDIOLI, A; MANTOVANI, S. (Orgs.) **Manual de educação infantil:** 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 173-184.

MARTINS, L. M; CAVALCANTE, M. R. **Cadernos CECEMCA:** Educação Infantil: Saberes pedagógicos. Bauru, Unesp/MEC, 2005.

MELLO, S. A. Contribuição da Teori Histórico-Cultural para a educação da pequena infância. **Cadernos de Educação – UFPel (online)**, v. 1, p. 01-12, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/5825/4249>. Acesso em: 20 abr 2018.

MICHAELIS: Dicionário escolar língua portuguesa. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MONTENEGRO, T. **Educação infantil:** a dimensão moral da função de cuidar. São Paulo, 2005.

NOGUEIRA, P. C; OLIVEIRA, M. R. F. Saberes e fazer na Educação Infantil: reflexões a partir do memorial descritivo da disciplina no curso de pedagogia da UEL. **III Jornada Didática: Desafios para a docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD.** 2014. Disponível em: < http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/III%20Jornada%20de%20Didatica%20%20Desafios%20para%20a%20Docencia%20e%20II%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD/SABERES%20E%20FAZERES%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL%20REFLEXOES%20A%20PARTIR%20DO.pdf>. Acesso em: 05 maio 2018.

ORTIZ, G. **Adaptação e Acolhimento:** Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em: < http://revistaescola.abril.com.br/gestaoescolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf > Acesso em: 17 maio 2018.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. A **Educação Infantil em busca de identidade:** análise crítica do binômio “cuidar-educar” e da perspectiva anti-escolar em Educação Infantil. Psic. da Ed., São Paulo, 27, 2º sem. de 2008, p. 71-100.

PIETROBON, S. R. G. A adaptação da criança no tempo e no espaço da Educação Infantil e o trabalho com as diversas linguagens. In: **Fundamentos da Educação Infantil**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2010.
Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/832/5/Fundamentos%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20-%20Sandra%20Pietrobon.pdf>. Acesso em: 01 jun 2018.

REDA, M.; G.; UJIIE, N. T. A Educação Infantil e o Processo de Adaptação: as concepções de educadoras da infância. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2009. PUCPR. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2496_1090.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. **Os fazeres na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2006.

SEABRA, K; SOUSA, S. **Educação Infantil.** Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.